Estatísticas das exportações do Rio Grande do Sul — 1.° semestre de 2025

O Departamento de Economia e Estatística (DEE), da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG), divulga as estatísticas das exportações do Rio Grande do Sul. Os dados brutos têm como fonte o Sistema ComexStat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

Na sequência, estão expostos os mais relevantes resultados das exportações do Rio Grande do Sul, referentes aos primeiros seis meses de 2025, em comparação a igual período do ano anterior. Além da análise completa disponível nesta nota técnica, os dados das exportações do estado podem ser explorados de forma interativa no **BI-Setorial Exportações**, do DEE-SPGG, que está disponível em: https://bi.dee.rs.gov.br/exportacoes.

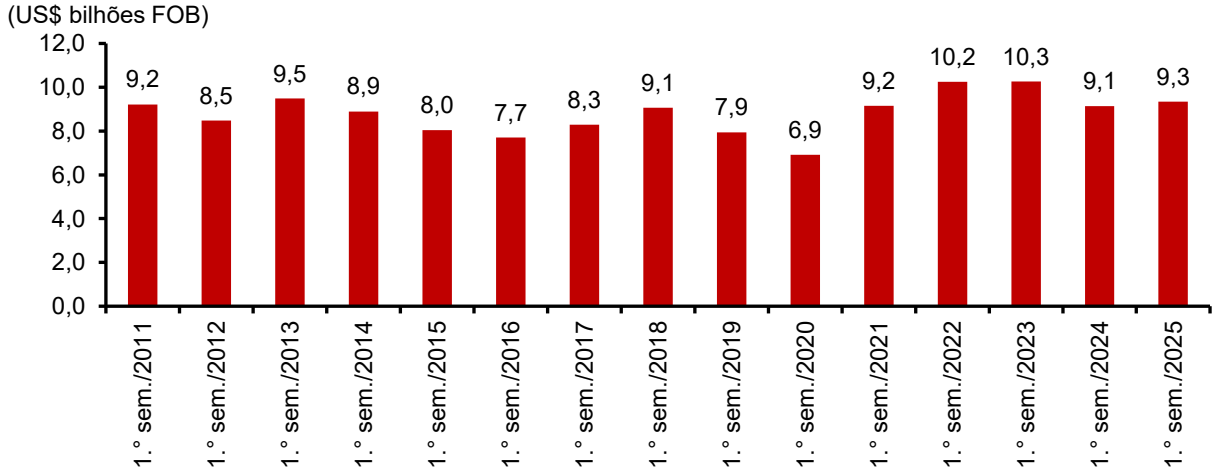
As exportações do Rio Grande do Sul cresceram 2,3% no primeiro semestre de 2025. Esse resultado foi impulsionado pelo forte desempenho no primeiro trimestre, que registrou alta de 12,0%, compensando a queda de 6,2% no segundo trimestre.

1 Exportações estaduais e do Brasil

Entre janeiro e junho de 2025, as exportações do Rio Grande do Sul totalizaram US$ 9,3 bilhões. Em relação a igual período do ano anterior, esse montante representa um avanço de 2,3%, ou seja, um crescimento de US$ 206,4 milhões em termos absolutos. Com esse incremento, o total exportado pelo estado, neste primeiro semestre, é, em termos nominais, o quarto maior da série histórica iniciada em 1997 para um primeiro semestre.

Gráfico 1

Exportações totais do Rio Grande do Sul — 1.° sem. 2011-25



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Brasil, 2025b).

O desempenho positivo das exportações gaúchas no primeiro semestre de 2025 contrasta com a queda de 2,5% registrada no Brasil. Desse modo, por mais que o Rio Grande do Sul tenha-se mantido na sétima posição no *ranking* dos principais estados exportadores — atrás de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e Pará —, sua participação relativa passou de 5,6% para 5,8% na comparação com o ano anterior.

Tabela 1

Exportações dos principais estados exportadores do Brasil — 1.° sem./2025

UNIDADES DA FEDERAÇÃO (UFs)	VALOR (US$ FOB)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO		
			Valor (US$ FOB)	Valor (%)	Participação (p.p.)
São Paulo	32.990.455.294	20,6	-1.033.690.149	-3,0	-0,1
Minas Gerais	21.486.309.327	13,4	574.957.153	2,7	-1,1
Rio de Janeiro	21.313.921.544	13,3	-2.583.249.341	-10,8	0,6
Mato Grosso	14.693.013.616	9,2	-1.382.003.376	-8,6	-0,6
Paraná	11.130.358.362	6,9	-442.324.903	-3,8	-0,1
Pará	10.852.808.585	6,8	48.282.811	0,4	0,2
Rio Grande do Sul	9.338.687.484	5,8	206.351.358	2,3	0,3
Goiás	6.651.805.055	4,2	53.071.844	0,8	0,1
Santa Catarina	5.858.612.261	3,7	364.517.471	6,6	0,3
Bahia	5.300.856.569	3,3	-73.052.177	-1,4	0,0
Demais UFs	15.376.370.544	9,6	-5.103.291.374	-24,9	-2,9
TOTAL UFs (BRASIL)	160.273.773.296	100,0	-4.089.856.028	-2,5	-

Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025b).
Nota: O somatório dos estados (total UFs) não considera as mercadorias com origem de exportação “não declarada”.

2 Principais produtos exportados pelo RS

Os 10 principais produtos exportados pelo RS nos primeiros seis meses de 2025 foram: **fumo não manufaturado** (US$ 1,1 bilhão), **soja em grão** (US$ 809,0 milhões), **cereais** (US$ 719,8 milhões), **carne de frango** (US$ 625,7 milhões), **farelo de soja** (US$ 577,1 milhões), **celulose** (US$ 465,6 milhões), **carne suína** (US$ 358,1 milhões), **polímeros de etileno, em formas primárias** (US$ 304,2 milhões), **partes e acessórios dos veículos automotivos** (US$ 289,9 milhões) e **calçados** (US$ 279,1 milhões).

Tabela 2

Principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul — 1.° sem. 2024-25

PRODUTOS	VALOR (US$ FOB)		PARTICIPAÇÃO %		VARIAÇÃO DO VALOR	
	2024	2025	2024	2025	US$ FOB	%
Fumo não manufaturado	1.045.254.191	1.081.996.213	11,4	11,6	36.742.022	3,5
Soja em grão	1.144.273.014	809.041.879	12,5	8,7	-335.231.135	-29,3
Cereais (exclui produtos para semeadura)	644.767.029	719.847.242	7,1	7,7	75.080.213	11,6
Carne de frango	629.705.437	625.739.281	6,9	6,7	-3.966.156	-0,6
Farelo de soja	680.289.872	577.099.360	7,4	6,2	-103.190.512	-15,2
Celulose	528.484.106	465.649.675	5,8	5,0	-62.834.431	-11,9
Carne suína	265.329.563	358.081.752	2,9	3,8	92.752.189	35,0
Polímeros de etileno, em formas primárias	277.355.672	304.220.462	3,0	3,3	26.864.790	9,7
Partes e acessórios dos veículos automotivos	247.006.931	289.907.889	2,7	3,1	42.900.958	17,4
Calçados	273.236.602	279.101.085	3,0	3,0	5.864.483	2,1
Demais produtos	3.396.633.709	3.828.002.646	37,2	41,0	431.368.937	12,7
TOTAL	9.132.336.126	9.338.687.484	100,0	100,0	206.351.358	2,3

Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025b).

3 Principais produtos que condicionaram a *performance* das exportações do RS

Entre janeiro e junho de 2025, os produtos que apresentaram os maiores incrementos absolutos nas exportações do RS foram **carne suína** (mais US$ 92,8 milhões; 35,0%), **cereais** (mais US$ 75,1 milhões; 11,6%), **máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes** (mais US$ 71,6 milhões; 173,7%), **carne bovina** (mais US$ 50,9 milhões; 41,1%), **veículos automóveis de passageiros** (mais US$ 49,7 milhões; 67,0%), **partes e acessórios dos veículos automotivos** (mais US$ 42,9 milhões; 17,4%) e **fumo não manufaturado** (mais US$ 36,7 milhões; 3,5%).

Por outro lado, no sentido contrário, **soja** (menos US$ 335,2 milhões; -29,3%), **farelo de soja** (menos US$ 103,2 milhões; -15,2%), **celulose** (menos US$ 62,8 milhões; -11,9%), **madeiras em bruto e manufaturas de madeira** (menos US$ 45,0 milhões; -23,2%), **equipamentos domésticos de metais comuns** (menos US$ 16,8 milhões; -19,7%), **biodiesel** (menos US$ 14,3 milhões; -53,5%) e **colheitadeiras** (menos US$ 12,8 milhões; -28,0%) foram as mercadorias que mais retrocederam nos seis primeiros meses de 2025.

Tabela 3

Principais produtos que condicionaram a *performance* das exportações do RS — 1.º sem. 2024-25

PRODUTOS	VALOR (US$ FOB)		PARTICIPAÇÃO %		VARIAÇÃO DO VALOR	
	2024	2025	2024	2025	US$ FOB	%
Maiores altas						
Carne suína	265.329.563	358.081.752	2,9	3,8	92.752.189	35,0
Cereais (exclui produtos para semeadura)	644.767.029	719.847.242	7,1	7,7	75.080.213	11,6
Máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes	41.239.245	112.873.386	0,5	1,2	71.634.141	173,7
Carne bovina	123.723.531	174.602.661	1,4	1,9	50.879.130	41,1
Veículos automóveis de passageiros	74.154.596	123.834.039	0,8	1,3	49.679.443	67,0
Partes e acessórios dos veículos automotivos	247.006.931	289.907.889	2,7	3,1	42.900.958	17,4
Fumo não manufaturado	1.045.254.191	1.081.996.213	11,4	11,6	36.742.022	3,5
Maiores quedas						
Soja em grão	1.144.273.014	809.041.879	12,5	8,7	-335.231.135	-29,3
Farelo de soja	680.289.872	577.099.360	7,4	6,2	-103.190.512	-15,2
Celulose	528.484.106	465.649.675	5,8	5,0	-62.834.431	-11,9
Madeiras em bruto e manufaturas de madeira	193.753.397	148.722.467	2,1	1,6	-45.030.930	-23,2
Equipamentos domésticos de metais comuns	85.160.126	68.363.892	0,9	0,7	-16.796.234	-19,7
Biodiesel	26.764.480	12.445.306	0,3	0,1	-14.319.174	-53,5
Colheitadeiras	45.736.392	32.929.814	0,5	0,4	-12.806.578	-28,0
TOTAL	9.132.336.126	9.338.687.484	100,0	100,0	206.351.358	2,3

Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025b).

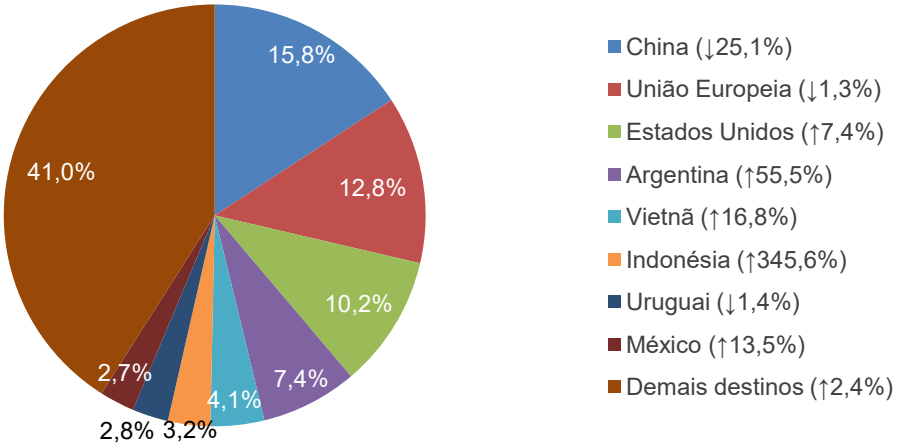
4 Principais destinos das exportações do RS

Nos seis primeiros meses de 2025, o Rio Grande do Sul exportou para 187 destinos. Os oito principais destinos das exportações gaúchas entre janeiro e junho de 2025 foram: **China** (15,8%), **União Europeia** (12,8%), **Estados Unidos** (10,2%), **Argentina** (7,4%), **Vietnã** (4,1%), **Indonésia** (3,2%), **Uruguai** (2,8%) e **México** (2,7%), como se observa no Gráfico 2. Em virtude do aumento das exportações

gaúchas nesse ínterim, é preciso compreender os motivos que ensejaram esse avanço sob a perspectiva dos destinos.

Gráfico 2

Principais destinos das exportações do Rio Grande do Sul — 1.º sem. 2024-25



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025b).
Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado entre janeiro e junho de 2025, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor nos seis primeiros meses de 2025, comparativamente a 2024.

Em termos absolutos, ressalta-se que os destinos que mais colaboraram para a expansão das exportações gaúchas nos seis primeiros meses de 2025 foram **Argentina** (mais US$ 246,6 milhões; 55,5%), **Indonésia** (mais US$ 235,1 milhões; 345,6%), **Arábia Saudita** (mais US$ 99,8 milhões; 97,3%), **Singapura** (mais US$ 69,3 milhões; 71,0%), **Estados Unidos** (mais US$ 65,7 milhões; 7,4%) e **Vietnã** (mais US$ 55,5 milhões; 16,8%).

Em oposição, os destinos com as piores *performances*, em termos absolutos, para o RS no período foram **China** (menos US$ 495,3 milhões; -25,1%), **Coreia do Sul** (menos US$ 99,5 milhões; -35,0%), **Irã** (menos US$ 76,0 milhões; -45,1%), **Tailândia** (menos US$ 45,8 milhões; -38,1%), **Japão** (menos US$ 43,7 milhões; -28,5%) e **Emirados Árabes Unidos** (menos US$ 26,6 milhões; -11,5%).

Na sequência, com o intuito de examinar os resultados das exportações do Rio Grande do Sul para os diversos destinos, foram agregadas, no Quadro 1, informações sobre os produtos que explicam as variações observadas entre janeiro e junho de 2025, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Essa análise detalha as flutuações nas exportações, possibilitando um entendimento mais acurado dos fatores que condicionaram as mudanças no valor das mercadorias exportadas.

No Quatro 1, observa-se que produtos industriais, como veículos automóveis de passageiros (mais US$ 63,6 milhões; 439,6%), partes e acessórios dos veículos automotivos (mais US$ 44,8 milhões; 48,8%) e tratores agrícolas (mais US$ 29,0 milhões; 1.644,3%), foram os maiores responsáveis pelo crescimento das exportações gaúchas à Argentina, destino que apresentou o maior avanço para o período.

Quadro 1

Principais produtos que condicionaram a *performance* das exportações, por destinos, do RS — 1.° sem. 2024-25

DESTINOS	VALOR (US$ FOB)	PARTICI-PAÇÃO %	VARIAÇÃO DO VALOR		PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS PELO DESEMPENHO
			US$ FOB	%	
Maiores altas					
Argentina	690.633.576	7,4	246.621.718	55,5	Veículos automóveis de passageiros, partes e acessórios dos veículos automotivos, tratores agrícolas, partes, peças e componentes de equipamentos agropecuários e equipamento mecânico para manuseio, elevação, guinchos e suas partes
Indonésia	303.153.277	3,2	235.118.339	345,6	Farelo de soja, fumo não manufaturado, cereais (exclui produtos para semeadura), tratores agrícolas e soja em grão
Arábia Saudita	202.327.557	2,2	99.784.821	97,3	Cereais (exclui produtos para semeadura), madeira em bruto e manufaturas de madeira e carne bovina
Singapura	166.928.491	1,8	69.284.731	71,0	Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos), carne de frango e carne suína
Estados Unidos	950.374.755	10,2	65.739.462	7,4	Máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes, carne bovina, motores a pistão e suas partes, madeira em bruto e manufaturas de madeira e outros artigos de materiais minerais
Vietnã	384.862.648	4,1	55.485.649	16,8	Farelo de soja, fumo não manufaturado, carne de frango, celulose e couros e peles
Maiores quedas					
China	1.475.930.334	15,8	-495.255.406	-25,1	Soja em grão, carne suína, carne de frango, celulose, óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos)
Coreia do Sul	184.314.162	2,0	-99.456.754	-35,0	Farelo de soja, fumo não manufaturado e aquecimento e resfriamento de equipamentos e suas partes
Irã	92.455.198	1,0	-76.047.369	-45,1	Farelo de soja
Tailândia	74.410.287	0,8	-45.764.045	-38,1	Cereais (exclui produtos para semeadura) e couros e peles
Japão	109.634.457	1,2	-43.652.660	-28,5	Madeiras em bruto e manufaturas de madeira, celulose, carne de frango, polímeros de etileno, em formas primárias e sucos de uva
Emirados Árabes Unidos	204.168.437	2,2	-26.549.538	-11,5	Farelo de soja, celulose, carne de frango, fumo não manufaturado, carne suína e carne bovina
Total					
Total Geral	9.338.687.484	100,0	206.351.358	2,3	Carne suína, cereais, máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes, carne bovina, veículos automóveis de passageiros, partes e acessórios dos veículos automotivos e fumo não manufaturado

Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2025b).

Esse aumento nas exportações do Rio Grande do Sul para a Argentina, observado no primeiro semestre de 2025, reflete um movimento mais amplo de mudança nos preços relativos e flexibilizações no mercado de divisas no país vizinho. A relativa valorização do peso argentino e a redução da inflação

contribuíram para a retomada das operações de importação na Argentina. Nesse cenário, produtos brasileiros — inclusive alimentos tradicionais como a carne bovina — passaram a competir com vantagem no mercado argentino, ampliando as oportunidades de inserção para o setor exportador gaúcho e brasileiro. Embora não estejam entre os principais produtos exportados pelo Rio Grande do Sul para o país vizinho, chamam a atenção os aumentos nas vendas de carnes suína (mais US$ 5,2 milhões; 774,2%), de frango (mais US$ 3,6 milhões; 1.076,3%) e bovina (mais US$ 45,3 mil; 978,2%), especialmente por se tratarem de alimentos tradicionalmente associados à identidade produtiva e cultural da Argentina.

Ademais, destacam-se também, positivamente, o farelo de soja (mais 118,2 milhões) para a Indonésia, sendo que não houve exportação desse produto no primeiro semestre do ano anterior; os cereais para a Arábia Saudita (mais US$111,5), que apresentaram crescimento relativo bastante atípico (8.577,2%); os óleos combustíveis de petróleo para Singapura (mais US$ 35,9 milhões; 99,5%); e as máquinas de energia elétrica (exceto planta elétrica rotativa do grupo 716) e suas partes (mais US$ 73,6 milhões; 227,0%) para os Estados Unidos.

No contexto da escalada da guerra tarifária entre Brasil e Estados Unidos, com expectativa de aplicação de uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros a partir de 1.° de agosto, cresce a preocupação quanto aos possíveis impactos sobre as exportações gaúchas, especialmente em segmentos mais sensíveis à competitividade de preços. Nos primeiros seis meses de 2025, os principais setores gaúchos exportadores para os EUA foram os de produtos florestais (participação de 13,8%), fumo e seus produtos (12,9%), máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças (12,4%), artigos manufaturados diversos (7,6%), calçados (7,3%) e carnes (5,4%). Esses seis setores totalizaram 59,5% das exportações totais do RS para os EUA no período. Alguns produtos, como armas e munições, pertencentes ao setor de artigos manufaturados diversos, também são particularmente sensíveis, pois grande parte de sua produção é destinada à exportação — nesse caso, 82,8% tiveram os Estados Unidos como destino no período. No caso dos calçados, 24,8% das exportações gaúchas tiveram como destino os Estados Unidos, que são o principal mercado para esse produto. O país também é o terceiro maior importador do fumo e seus derivados (10,2% das exportações do produto), bem como dos produtos florestais (20,8%). Já no caso da carne bovina, os EUA ocupam novamente a primeira posição, tendo respondido por 29,6% das exportações em 2024. Alguns setores tendem a enfrentar maiores dificuldades na diversificação de mercados internacionais, como o de armas, cujas exportações têm alta concentração no mercado norte-americano, e o de calçados, cuja produção é, em grande parte, confeccionada obedecendo às especificidades de marcas próprias dos Estados Unidos, dificultando o redirecionamento imediato para outros destinos.

Contrariando o movimento geral de crescimento observado no primeiro semestre, a soja em grão despontou negativamente para a China (menos US$ 337,9 milhões; -31,3%), bem como o farelo de soja para o Irã (menos US$ 98,1 milhões; -68,6%), para a Coreia do Sul (menos US$ 81,0 milhões; -44,8%) e para os Emirados Árabes Unidos (menos US$ 14,7 milhões; -100,0%).

Além de examinar os dados relativos às exportações do Rio Grande do Sul entre janeiro e junho de 2025, também é essencial considerar os efeitos de eventos ocorridos durante esse período. Essa avaliação é crucial para criar projeções e cenários sobre o futuro do comércio exterior do estado. A seguir, são destacados três acontecimentos que exigem atenção especial: (a) o foco de gripe aviária em Montenegro (RS); (b) a guerra Irã-Israel; (c) a valorização do real diante do dólar estadunidense; e (d) a relação comercial EUA/Brasil.

5 Conjuntura

Foco de gripe aviária em Montenegro (RS) e embargos internacionais à carne de frango gaúcha

O anúncio da detecção de um foco de gripe aviária altamente patogênica em uma granja comercial do município de Montenegro (RS), em maio de 2025, impôs desdobramentos relevantes para as exportações gaúchas. Isso porque esse foi o primeiro caso de H5N1 em um plantel comercial no Brasil, uma vez que episódios análogos no passado, registrados primeiramente no Espírito Santo e depois em outros estados, se limitaram a aves silvestres. Em resposta a esse incidente, vários países decretaram embargo temporário às importações de carne de aves brasileiras, com diferentes níveis de abrangência das áreas afetadas pelas restrições. De qualquer forma, é certo que haverá prejuízos para as vendas gaúchas de carne de frango, produto que foi o quarto principal na pauta exportadora do RS em 2024.

A criação de frango é uma atividade relevante para a agropecuária do Brasil e, em especial, do Rio Grande do Sul. Atualmente, o país é o principal exportador de carne de frango do mundo, tendo sido responsável, em 2023, por 35,2% do valor total comercializado internacionalmente desse produto (Estados Unidos, 2024). Como, nesse ano, o RS correspondeu a 15,1% desse montante — atrás, tão somente, de Paraná (39,2%) e Santa Catarina (23,8%) —, pode-se dizer que o estado gaúcho representou 5,3% das exportações mundiais de carne de frango. Ademais, para se ter uma dimensão da importância do mercado internacional para a carne de frango gaúcha, salienta-se que, em 2024, 55,4% de toda produção do RS foi exportada (Leães; Leusin Jr., 2025).

No primeiro semestre de 2025, o valor das exportações de carne de frango do Rio Grande do Sul caiu 0,6% em relação ao mesmo período de 2024. Esse recuo foi resultado da queda de 12,8% no segundo trimestre, que anulou o crescimento de 12,5% registrado nos três primeiros meses do ano. A principal causa foi a redução das compras dessa proteína gaúcha pela China, além de países como Iraque, Japão, México, Chile, Argélia e Emirados Árabes Unidos. Exceto China e Emirados Árabes, que reduziram a demanda por todas as carnes do RS, os demais aumentaram as importações de outras proteínas do estado: Iraque, Japão, México e Argélia compraram mais carne bovina, e o Chile, mais carnes bovina e suína. Nesse contexto, a queda das vendas de carne de frango foi parcialmente compensada pelo aumento no valor das exportações das carnes suína (35,0%) e bovina (41,1%), sobretudo no segundo trimestre. Considerando todos os destinos, as vendas de carne suína cresceram principalmente para Filipinas e Chile, enquanto a carne bovina teve como principais destinos os Estados Unidos e as Filipinas. Também contribuíram para atenuar a queda das exportações totais da carne de frango os aumentos nas exportações dessa proteína para a União Europeia (131,4%), Singapura (67,5%), Egito (793%) e Filipinas (37,3%). Considerando o desempenho nacional, apesar do episódio de gripe aviária em Montenegro, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 4,5% no primeiro semestre. Esse avanço foi impulsionado, principalmente, pelos aumentos registrados em Santa Catarina (9,9%), São Paulo (12,0%), Goiás (11,1%), Mato Grosso do Sul (11,6%) e Paraná (0,6%).

Guerra Irã-Israel

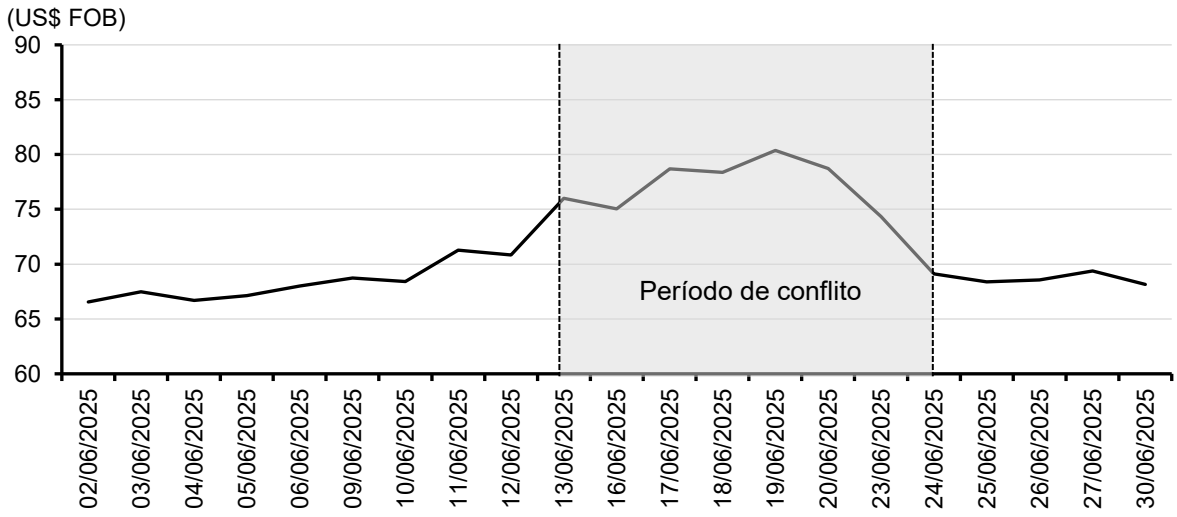
A breve guerra entre Irã e Israel, ocorrida entre os dias 13 e 24 de junho de 2025, trouxe consequências para a economia global e sinalizou um quadro de adversidades que poderão ter novos desdobramentos em médio e longo prazo. Embora um cessar-fogo declarado entre as partes esteja em vigor, a permanência de tensões estruturais entre esses países antecipa futuras crises, cujas repercussões

ainda não podem ser mensuradas. Mesmo assim, torna-se necessário entender como esse conflito impactou a economia mundial e quais seriam os efeitos de uma hipotética guerra aberta entre as partes em questão.

A consequência mais imediata do conflito entre Irã e Israel é a oscilação no preço do petróleo. Como o Irã situa-se na principal região petrolífera do mundo (Golfo Pérsico), em termos tanto de produção quanto de reservas, já seria de se esperar que um conflito armado no local teria repercussões no preço desse recurso natural não renovável. De fato, ao analisar os dados sobre o valor do petróleo cru (tipo Brent) em junho de 2025, vê-se que o eclodir dessa contenda confirmou essas expectativas, assim como o anúncio do cessar-fogo produziu o efeito contrário. Reitera-se, também, que fenômenos dessa natureza já haviam sido observados em 1973, 1979 e 1991, em momentos de turbulências no Oriente Médio, confirmando a necessidade de atenção para o futuro.

Gráfico 3

Preço do petróleo bruto (tipo Brent) — 2 a 30 de junho de 2025



Fonte: Energy Information Administration (EIA, 2025).
Nota: 1. Preço por barril do petróleo bruto tipo Brent, produzido no Mar do Norte (Europa).
2. Brent é uma classe de petróleo bruto que serve como *benchmark* para o preço internacional de diferentes tipos de petróleo.

Um dos motivos pelos quais o preço do petróleo disparou nesses dias de conflito entre Irã e Israel diz respeito à possibilidade de Teerã utilizar seus recursos militares para fechar a passagem do Estreito de Ormuz. Essa região é uma das principais artérias do comércio internacional de petróleo, na medida em que, por lá, passam mais de 20% do hidrocarboneto exportado no mundo. Embora existam dúvidas quanto à real capacidade de o Irã bloquear essa rota por um período prolongado, o risco associado a essa possibilidade não deve ser negligenciado.

Figura 1

Estreito de Ormuz

Fonte: Google Maps.

Também é imprescindível recordar que os perigos decorrentes do fechamento do Estreito de Ormuz não se limitam à comercialização de hidrocarbonetos. Isso porque esse ponto de passagem é um dos principais acessos a diferentes destinos no Oriente Médio, de modo que qualquer interrupção no local pode ter impactos deletérios para a comercialização de produtos para esses países. No caso do Rio Grande do Sul, por exemplo, as exportações de carne de frango — que têm como seus principais destinos países do Oriente Médio — poderiam ser severamente prejudicadas em um cenário assim.

Destaca-se, ainda, que a dependência brasileira da importação de fertilizantes também acarretaria riscos para a segurança econômica do país na eventualidade do fechamento do Estreito de Ormuz. Ocorre que cerca de 85% do adubo utilizado pelo Brasil vêm do exterior. Em relação à ureia, sua principal origem é justamente o Oriente Médio, com países como Irã, Catar, Arábia Saudita e Bahrein representando mais de um terço da demanda brasileira por essa mercadoria (Osaki, 2025).

Ademais, diversos produtos da pauta de exportações do RS são particularmente sensíveis às variações no preço internacional do petróleo. É o caso da soja em grão, do farelo e do óleo de soja, cujos custos de transporte internacional são fortemente impactados por essas oscilações. No caso do óleo de soja, que é comumente utilizado na produção de biodiesel, seu preço tende a subir quando o petróleo se valoriza, já que o biocombustível se torna uma alternativa mais competitiva.

O petróleo também impacta os custos de produção agrícola, por ser matéria-prima na fabricação de fertilizantes nitrogenados. Além disso, afeta o preço das carnes, especialmente de frango e suína, tanto pelo custo do transporte refrigerado quanto pelo encarecimento da ração animal — à base de soja e milho —, que sofre variações conforme os preços da energia e do transporte.

Produtos químicos e plásticos, como resinas, borracha sintética e artificial, também são altamente dependentes de insumos derivados do petróleo, o que torna sua produção e sua competitividade externa sensíveis à oscilação do preço do barril. O mesmo ocorre com calçados, que utilizam materiais derivados do petróleo e têm seus custos pressionados pelo frete internacional. Por fim, o coque e os produtos derivados do petróleo e biocombustíveis têm seus preços diretamente atrelados ao valor do petróleo.

Valorização do real em 2025

No Brasil, os primeiros seis meses de 2025 foram marcados por uma representativa valorização do real diante do dólar estadunidense. Segundo estudo da Austin Rating, agência classificadora de risco de origem, a moeda brasileira foi a quarta que mais se valorizou em relação ao dólar de janeiro até meados de maio deste ano, com uma alta de 10,1% no período (Vitorio, 2025). Esse movimento contrasta com a depreciação cambial vista em 2024.

Apesar do ambiente externo desafiador no primeiro semestre de 2025 — marcado pelo aumento das incertezas na política comercial dos Estados Unidos e pelo acirramento das tensões geopolíticas —, houve apreciação cambial. No cenário doméstico, a economia apresentou crescimento no primeiro trimestre, mesmo com a elevação da taxa de juros. Contribuiu para o movimento cambial observado o aumento do apetite ao risco nos mercados globais, tanto entre os países avançados quanto entre os emergentes, favorecido especialmente pela manutenção da taxa de juros nos Estados Unidos. Como resultado, o dólar segue em trajetória de depreciação, sobretudo em relação às moedas com maior liquidez internacional (BCB, 2025).

A valorização nominal do real contribui para o aumento da competitividade das importações e representa um desafio adicional para empresas exportadoras, especialmente para aquelas que competem com base em preços, como as dos setores de *commodities* e manufaturados básicos. Isso porque a apreciação cambial barateia os produtos estrangeiros em moeda local e encarece os produtos nacionais em moeda estrangeira. Como consequência, aumenta a competitividade dos importados no mercado interno e reduz a competitividade dos produtos brasileiros no exterior.

Uma apreciação cambial abrupta pode gerar efeitos adversos sobre as empresas exportadoras, tais como:

a) perda de competitividade externa, devido ao encarecimento dos produtos brasileiros em moeda estrangeira;

b) queda nas receitas em reais, uma vez que o câmbio mais valorizado reduz o montante convertido para a moeda nacional; e

c) redução das margens de lucro, já que as receitas diminuem, enquanto o movimento dos custos internos é incerto, dependendo da relevância dos insumos nacionais e estrangeiros na sua composição.

No contexto das exportações brasileiras, em especial das exportações do Rio Grande do Sul, os produtos mais sensíveis às flutuações cambiais são, em geral, aqueles que: (a) têm grande peso nas exportações totais; (b) enfrentam forte concorrência internacional; (c) são *commodities*; e (d) possuem custos de produção majoritariamente em reais, embora sejam comercializados em dólares. Dentre esses produtos, destacam-se os do complexo da soja, os do setor de carnes, os calçados, os do setor de celulose e papel, além de manufaturados da indústria química e de máquinas e autopeças. Esses segmentos tendem a ser particularmente prejudicados por uma valorização cambial, sobretudo quando não há compensações por ganhos de produtividade ou aumentos nos preços internacionais.

Relação comercial EUA/Brasil

Desde o início de 2025, os Estados Unidos vêm elevando as tarifas de importação aplicadas a seus parceiros comerciais, alegando como objetivo a redução do déficit comercial em seu Balanço de Pagamentos. No dia 9 de julho, o país anunciou a imposição de uma alíquota de 50% sobre as exportações de produtos brasileiros, mesmo tendo mantido superávit comercial com o Brasil ao longo da última década. A tarifa está prevista para entrar em vigor no dia 1.º de agosto, caso não haja negociações que revertam a decisão até essa data.

Apesar da incerteza quanto aos impactos diretos da medida sobre o Brasil, é inegável que diversos setores exportadores poderão ser prejudicados. No entanto, o efeito sobre a economia brasileira como um todo tende a ser moderado, uma vez que as exportações de bens e serviços representam menos de 15% do Produto Interno Bruto (PIB). A projeção do impacto dessa medida indica uma contração de 0,16% do PIB, segundo Domingues, Costa e Magalhães (2025). Ainda de acordo com o estudo, o Rio Grande do Sul seria o segundo estado brasileiro mais afetado, atrás apenas de São Paulo, refletindo o peso dos setores mais atingidos pela tarifa e seus efeitos em cadeia.

Atualmente, os Estados Unidos ocupam a terceira posição entre os principais parceiros comerciais do Brasil, atrás apenas da China e da União Europeia. Em 2024, a participação dos EUA nas exportações brasileiras foi de 12,0%, patamar mantido no primeiro semestre de 2025. No caso do Rio Grande do Sul, os EUA também figuram como o terceiro maior parceiro comercial, embora com participação menor: 8,4% das exportações gaúchas em 2024 e 10,2% no primeiro semestre de 2025.

Dentre os principais produtos exportados pelo Brasil aos Estados Unidos, destacam-se: petróleo, ferro e aço, produtos florestais, café e outros materiais de transporte. No âmbito do Rio Grande do Sul, sobressaem-se os artigos manufaturados diversos, produtos florestais, produtos metálicos, fumo e seus derivados, além de produtos químicos orgânicos.

Apesar dos efeitos negativos esperados sobre os setores mais dependentes das exportações para os Estados Unidos — especialmente os segmentos agropecuário e industrial —, o fato de o Brasil e o Rio Grande do Sul exportarem majoritariamente *commodities*, cujos mercados apresentam demanda relativamente inelástica, indica que as tarifas não devem representar uma restrição efetiva às exportações. Mais provavelmente, essas medidas resultarão no encarecimento dos produtos brasileiros no mercado norte-americano. Ainda assim, há o risco de perda de competitividade ante concorrentes de outros países, o que reforça o desafio de diversificar os destinos das exportações nacionais.

Referências

BCB. **Relatório de Política Monetária**. Brasília (DF), v. 1, n. 2, jun. 2025. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/ri/relatorioinflacao/202506/rpm202506p.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2025.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **ComexStat**. Brasília, DF: MDIC, 2025b. Disponível em: http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home. Acesso em: 7 jul. 2025.

DOMINGUES, E. P.; COSTA, J. P. R. P.; MAGALHÃES, A. S. **Projeções dos impactos no Brasil das medidas tarifárias dos Estados Unidos até julho de 2025**. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG, julho de 2025. Disponível em: https://pesquisas.face.ufmg.br/nemea/wp-content/uploads/sites/20/2025/07/Guerra_Comercial_NEMEA_julho_2025.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. **Production, Supply and Distribution Online** — PSD Online. Washington, DC: USDA, [2024]. Disponível em: http://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery. Acesso em: 9 jul. 2025.

EIA. **Petroleum & other liquids** — Spot prices. Washington, D.C.: Energy Information Administration, 2025. Disponível em: https://www.eia.gov/dnav/pet/pet_pri_spt_s1_d.htm: Acesso em: 9 jul. 2025.

LEÃES, R.; LEUSIN JR., S. **Avaliação econômica das repercussões da gripe aviária no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2025. (Nota Técnica n. 113). Disponível em: https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202506/nt-dee-113-avaliacao-economica-das-repercussoes-da-gripe-aviaria-no-rio-grande-do-sul-23-06-2025.pdf. Acesso em 9 jul. 2025.

OSAKI, M. Recentes conflitos evidenciam dependência externa de fertilizante. **ESALQ**, [São Paulo], 8 jul. 2025. Disponível em: https://www.cepea.org.br/br/opiniao-cepea/recentes-conflitos-evidenciam-dependencia-externa-de-fertilizante.aspx. Acesso em: 11 jul. 2025.

VITORIO, T. Real é a 4ª moeda com maior valorização frente ao dólar em 2025; confira o ranking. **Exame**, [São Paulo], 14 maio 2025. Disponível em: https://exame.com/invest/mercados/real-e-a-4a-moeda-com-maior-valorizacao-frente-ao-dolar-em-2025-confira-o-ranking/. Acesso em: 10 jul. 2025.

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG-RS)
Secretária: Danielle Calazans
Subsecretaria de Planejamento (Suplan)
Subsecretário de Planejamento em exercício: Alessandro Castilhos Martins
Departamento de Economia e Estatística (DEE)
Diretor: Tomás Pinheiro Fiori
Chefe da Divisão de Estudos de Atividades Produtivas: Sérgio Leusin Júnior
Equipe técnica: Ricardo Leães e Flávia Félix Barbosa
Revisão técnica: Rodrigo Daniel Feix
Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner